



Amigo é quem avisa

Está à porta o Fevereiro. O mês dos ciclones. O mês dos temporais. O mês em que o mar se encarna contra Espinho. O mês em que os habitantes da zona da beira-mar passam dias e noites de sobressalto, no receio de que as águas marinhas lhes atinjam as casas ou até as destruam.

Não vai muito tempo, nestas colunas noticiamos que havia sido ordenado um estudo da defesa da nossa praia e, mais, que havia sido votada uma verba de 1 600 contos para obras a realizar imediatamente com vista ao reforço da defesa existente.

O estudo, se está a fazer-se, andará no segredo dos gabinetes. As obras de consolidação essas notoriamente se sabe não terem sido feitas até hoje. E aquilo que aconteceu no ano passado, frente ao Posto da Guarda Fiscal, devia ter sido alerta suficiente. Porque só um descuido de fiscalização da solidez das estruturas da muralha permitiu a derrocada. Mas a lição parece não ter aproveitado e cabe perguntar a quem deverão imputar-se responsabilidades se vier a verificar-se proximamente um incidente semelhante, cujas consequências poderão até ser bem mais funestas. É certo que aparentemente não se vislumbra qualquer fenda a oferecer perigo, neste momento. Mas o mar é suficientemente forte e manhoso para aproveitar a mais imperceptível falha, atacá-la e impiedosamente fazer todos os estragos que a sua força tremenda lhe permita.

Fomos informados de que os serviços competentes estão em actividade em outros pontos da costa mas consideramos oportuno que aqui se desloquem o mais cedo possível, afim de evitar o pior.

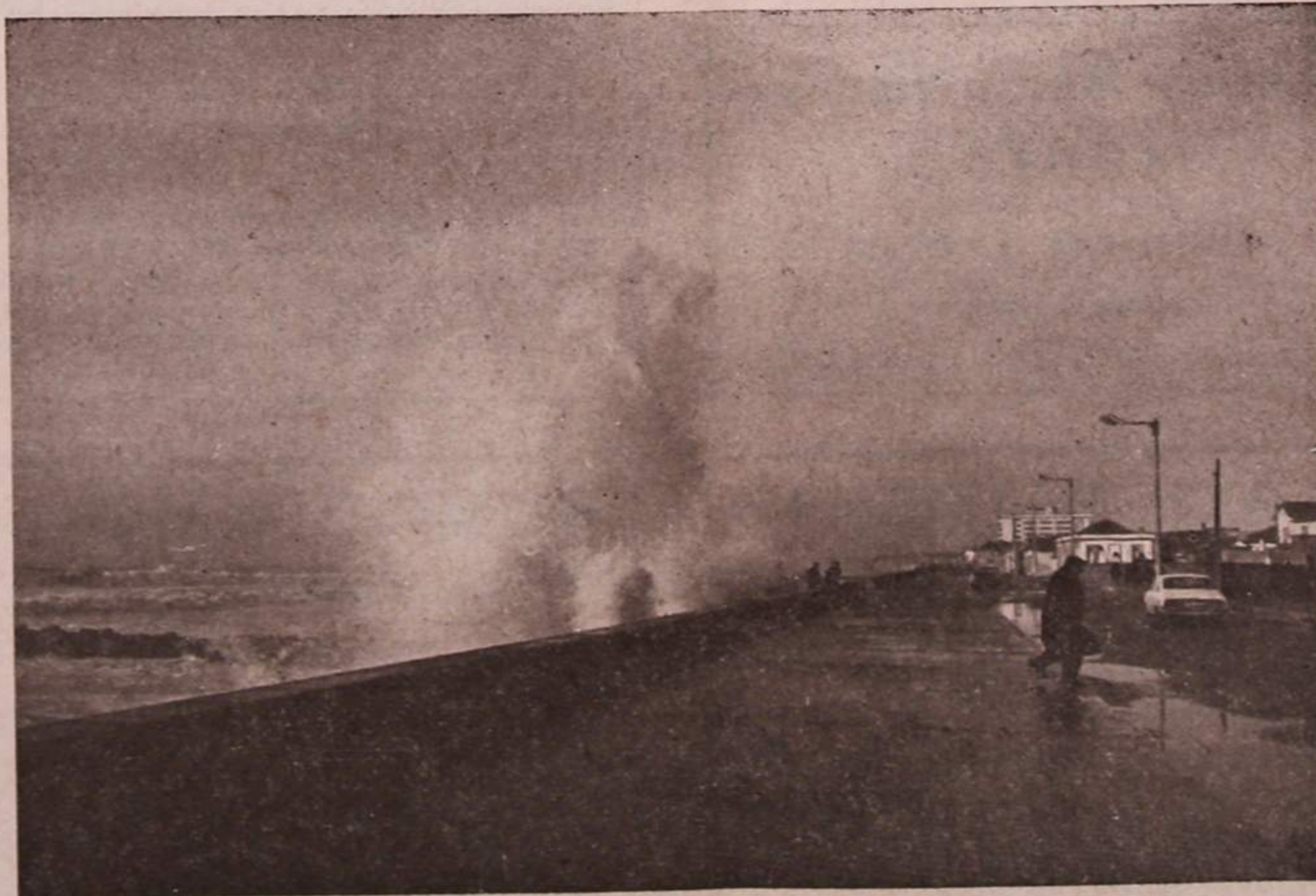
UM APELO AO BOM SENSO

Lemos no «Litoral», que há mais de duas décadas defende e bem os interesses da sua cidade de Aveiro, um artigo que tem por título «Um apelo ao Governador Civil de Aveiro». Artigo que tem por tema o desporto, mais propriamente o chamado «caso» do hóquei em patins. Da sua leitura vimos a saber que a Comissão Administrativa (há quanto tempo é Comissão Administrativa e não Direcção?) da Associação de Patinagem de Aveiro tem a sua actividade inteiramente parada. Nem calendários de jogos, nem Curso de Treinadores, que foi suspenso. Tudo isto porque os dirigentes (ou comissionistas administrativos?) da A. P. A. se negam «terminantemente a dar início aos trabalhos da nova época sem que esteja completamente resolvido o problema da filiação da Académica de Espinho na Associação de Aveiro, conforme está determinado por ordem ministerial». E os tais dirigentes (ou comissionistas desportivos?) até parece estarem na disposição de se demitirem «se um novo despacho vier a alterar o que faz lei» o que é passível de atirar a modalidade por terra.

E, precisamente a meio do artigo, afirma-se: «O assunto tem de ser solucionado». Estamos de inteiro acordo com esta afirmação. Só que funcionamos noutro comprimento de onda. E, noutra sintonia, o apelo que fazemos é ao bom senso. O bom senso que tão maltratado tem sido pela teimosia do Presidente da C. A. da A. P. A., teimosia que pretende impor à Académica uma coisa que ele conscientemente não aceita, teimosia

que, pela sua cegueira, está a arrastar os filiados daquela Associação para uma situação desagradável de que só eles serão vítimas e não o seu chefe de fila. Porquê querer arrastar para a paragem completa os clubes só porque a Académica, que sempre pertenceu à Associação de Patinagem do Porto, não quer sair

(Continua na pág. 2)



Publicamos esta imagem que tantas vezes se tem repetido, no diálogo rude e violento do mar com a nossa terra, e relembra sempre uma ameaça à espera que os responsáveis acordem

Partidos políticos Uma opção fundamental

As diversas opções que se oferecem ao eleitor português, em vésperas de um acto eleitoral de transcendente importância, exigem um conhecimento mínimo essencial sobre o que são e o que pretendem as diversas organizações partidárias que se formaram ou vieram à luz do dia, sem o que qualquer decisão deixará de ser consciente e autêntica.

Pretendemos, assim, fazer aqui uma apreciação objectiva e uma comparação sobre alguns pontos mais importantes da vida do homem dos nossos dias em sociedade, de forma que os leitores possam ficar em melhor posição de optar, ajudando a formar uma verdadeira consciência política.

1.º Liberdades individuais

Todos os partidos afirmam claramente as suas intenções de garantir, solidificar e até ampliar as chamadas liberdades individuais, uma conquista irreversível das sociedades modernas.

Mas vejamos como cada um deles o diz:

M.D.P./C.D.E.: «Consagração legal de todas as liberdades democráticas, acompanhada da abolição das limitações anti-populares que, a pretexto de regulamentação, as tenham restringido. Revogação da lei sobre manifestações; revisão da lei da greve, legitimando-se o seu exercício sem formalidades prévias e as greves políticas, de solidariedade e com ocupação de instalações, quando tal corresponder à vontade expressa da maioria dos trabalhadores ou à iniciativa do seu sindicato. Proibição do «lock-out».

P. C. P.: «Garantia do amplo exercício dos direitos e liberdades dos cidadãos. Obrigatoriedade do respeito pela ordem democrática. (...) Proibição de organizações, propaganda e actividade fascistas e reacçãoárias. Severas medidas contra conspirações contra-revolucionárias e contra sabotagem económica. Punição dos responsáveis.

P. S. P.: «O Partido Socialista considera à luz da experiência histórica e da

prática das democracias burguesas, que não basta proclamar as liberdades. Compete ao Estado Socialista realizar as condições materiais, económicas e sociais, que constituem a única possibilidade do exercício efectivo e não meramente formal, dessas liberdades.» (Segue-se definição das garantias das diversas liberdades individuais).

P. P. D.: «Os direitos fundamentais recortam-se sobretudo por referência ao Estado, positiva ou negativamente. Na nossa época, é do Estado que os cidadãos esperam a promoção dos seus direitos, embora sejam as tendências burocráticas e totalitárias, que tantas vezes nele se incorporam, que mais ameaçam a liberdade. (...) A experiência dolorosa do regime deposto — como de outros regimes semelhantes — mostra a insuficiência de simples declarações de direitos. Se se pretende que eles sejam de facto exercidos pelos cidadãos é preciso ir muito mais longe.» (Seguem-se as medidas legislativas e outras que, neste sentido, o PPD preconiza, nomeadamente a que reservaria ao Parlamento a competência legislativa para a regulamentação das liberdades cívicas e garantias pessoais).

2.º Saúde

O direito à saúde é igualmente reconhecido por todos os partidos, os quais defendem igualmente a criação de um Serviço Nacional de Saúde, preconizado no Programa do M. F. A. De uma maneira geral, os programas são pobres ou exíguos no capítulo de definição de uma política de saúde. No que se refere à chamada medicina privada ou ao seu exercício, ponto quente do problema, ou são omissos (casos P. C. P. e M. D. P. / C. D. E.) ou admitem a sua coexistência com o Serviço Nacional de Saúde, como actividade paralela. Mas vejamos o que diz cada partido em particular:

M.D.P./C.D.E.: «Reconhecimento do direito de todos os portugueses à saúde. Estruturação do Serviço Nacional de Saúde votado ao serviço das massas trabalhadoras e populares esclarecendo-as sobre as formas de proteger a saúde e unindo meios e forças para esse fim.»

P. C. P.: «Assistência médica e hospitalar às classes trabalhadoras. Seguros sociais em casos de doença, desastres, invalidez ou velhice. (...) Assistência às mulheres na gravidez e no parto. Assistência à maternidade e à infância por meio de maternidades, creches e jardins de infância, e colónias de férias para crianças.»

P. S. P.: «O P. S. P. proclama que o direito à saúde se inscreve no quadro dos direitos dos cidadãos a que se faz corresponder a obrigação social, assumida pelo Estado Socialista, de assegurar a todos a sua existência e salvaguarda, designadamente mediante o acesso a todos, em

(Continua na página 4)

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE
DE REDACÇÃO

ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO

ARMÉNIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Officinas gráficas de
CASA NUN'ALVARES
Rua de Santa Catarina, 630
P O R T O

VIDA REGIONAL

Anta

OS NOSSOS «BURACOS»

Estamos no fim de mais um ano de luta. O cansaço parece que deu lugar a uma grande euforia nesta ponta final. O momento natalício propiciou uma dose elevada de entendimento e de esperança no amanhã. Por outro lado houve em todos os lares um pouco de maior abundância, que aconchegou os corações e as bolsas e diminuiu o enfatiamento que a longa caminhada anual obrigou todos os que labutam duramente no seu dia a dia.

Na nossa aldeia (Anta) tudo se passou normalmente em paz e bondade. A Tuna Musical alegrou a primeira missa dominical com alguns cânticos natalinos. O nosso pároco teve o cuidado de manter uma tradição quinquentenária e não só, por que teve ainda a atenção necessária para visitar a Sede antiga, onde no final da missa se reuniram todos os executantes, e elogiar o trabalho efectuado. Os componentes visados sentiram que o elogio era fruto de uma camaradagem que apreciaram muito sentidamente.

Houve o décimo terceiro mês em quase todos os lares.

Conheço famílias que levaram para casa aos vinte contos.

Vi muita gente comprando coisas que nunca pensaram comprar.

Assisti a motivos de alegria e de fé num futuro mais igual.

Tive um mundo diante dos meus olhos mais belo do que nunca.

A minha taça de champagne teve estrelas douradas de confiança na rota vislumbrada por todos.

Sei de momentos difíceis em algumas empresas para cumprirem com os ditames da lei.

Sei também que depois de terem conseguido ultrapassar esse promontório, os seus dirigentes sonharam também com um novo ano glorioso na ordem e no trabalho, e beberam a sua taça onde rodopiaram estrelas formosas.

Depois deste banho de bondade o receio voltou a bater-me ao postigo. O novo ano virá com asas negras de fome e loucura ou com asas brancas de paz e fartura? Quem o sabe?

★

O recenseamento manteve os seus trabalhadores em contínua laboração na nossa Junta de Freguesia.

As pessoas têm dificuldade em compreender muito bem a finalidade deste ritual. Esperam ser mais uma armadilha para lhe sorripiar escudos, ou ainda, mais uma declaração de escravidão aliada às que sempre tiveram. Estamos todos mul-

to presos ao cordão umbilical destes últimos cinquenta anos.

Melhoramentos não há a assinalar de momento, que eu conheça.

Os instrumentos fabricados com marca CAPELA continuam a viajar pelo mundo, numa afirmação de quase génio de um trabalhador da nossa terra.

E que mais temos na nossa Aldeia!

Pois claro. Continuamos a ter fossas a despejar-se para a rua, valetas cobertas de erva travando o curso de águas pluviais, ruas sem sinalização, buracos autênticos em vias de grande trânsito, lodaçais junto à porta das pessoas, lixo em todos os lados numa afirmação da nossa autêntica anarquia polorenta.

E vamos nós deixar uma herança destas para o 1975 quando para esse ano estará programada uma agenda de trabalhos políticos muito sérios? Onde haverá tempo para cuidar das nossas limpezas? Por que não começar já, defronte da nossa porta, essa limpeza? Não esperemos que a Junta ou a Câmara tenham possibilidades de chegar até junto de nós. Aproximemo-nos com a nossa vassoura. Não tenhamos comichões nas mãos nem macaquinhos na cabeça.

28.12.74

ERRO

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

Carlos Matos Viegas

MÉDICO

Clínica Geral

Boca e Dentes

Rua 19 n.º 364-1.º Dto. - Tel. 921024

GAZETILHA

Quadras

Fruto de inspirações «dadas»,
Saí-me à hora da ceia
Uma mão-cheia de quadras
— Que não são... das de mão-cheia!

Ninguém está, por mais que estude,
Seguro da sua ciência,
Que hipocrisia e virtude
Têm a mesma aparência.

Mentira! — se lisonjeia,
Até dá gosto engolir!
Verdade! — se se recebeia,
Dá vontade de fugir!

Mal vai a quem renuncia
Quando o desejo lhe acode:
Quem não quis, quando podia,
Mais tarde, quer... e não pode!

No Banco, subiu-lhe a conta,
Mas mais lhe subiu a idade:
— Arma secreta que afronta
A doce tranquilidade!

Nem sabe o oiro que pesa
Quem Mocidade tiver...
Tem a única riqueza
Que merece a pena ter!

Grito, ao transpor o portão:
«— O cão costuma morder?»
«— Comprou-o hoje o patrão:
Agora é que se vai ver!» —

Alberto Barbosa (BEKA)

A DEFESA precisa de mais assinantes



ANTÓNIO PINTO FERNANDES
(Padrão)

Seus pais e demais família mandam celebrar na segunda-feira, dia 21, pelas 7 horas da tarde, uma missa sufragando a sua alma, no 5.º aniversário do seu falecimento.

Um apelo ao bom senso

(Conclusão da 1.ª pág.)

de lá e tem razões de sobejo para isso, razões que não estão à sombra de meras estruturas regulamentares mas sim alicerçadas em bases reais, indiscutíveis e lógicas?

Porque é que os aveirenses que se mostram tão ciosos do seu distritismo nesta questão de patinagem sobre rodas não fazem um movimento para que Espinho se integre, em todas as actividades, diocese, comando militar, etc), num distrito cujas estruturas geográficas se mantêm inalteradas há século e meio, contra os ventos da história? Esse movimento, no tempo que corre, seria uma tocante homenagem ao que acabou em 25 de Abril de 1974.



JOSÉ PINTO MOREIRA
MISSA DO 2.º ANIVERSÁRIO

Comemorando-se no próximo dia 23 do corrente, o 2.º Aniversário do seu falecimento, sua Viúva e filhos mandam celebrar uma Missa pelo seu eterno descanso na Igreja Matriz desta cidade. Agradece-se desde já a todas as pessoas amigas que queiram assistir a este piedoso acto.

A FAMÍLIA

ATENÇÃO SURDOS DE ESPINHO voltar a ouvir é voltar a viver

A CASA SONOTONE estará convosco ao vosso serviço e inteiramente ao vosso dispor na

GRANDE FARMÁCIA DE ESPINHO — Rua 62

no dia 20 de Janeiro, das 9,30 às 10,30 horas, onde vos apresentará a mais moderna e completa gama de aparelhagem auditiva para adaptação racional a cada caso individual: **Oculos Auditivos — Modelos de Bolso — Modelos Retroauriculares — Modelos Pérola IV e Miracle VI** (usados dentro do ouvido sem fios nem tubos) e os **sensacionais modelos populares**

A CASA SONOTONE faculta-vos gratuitamente e sem compromisso exames audiométricos e experiências práticas

Visitem-nos na Grande Farmácia de Espinho, no dia 20, das 9,30 às 10,30 h.

CASA SONOTONE — Praça da Batalha, 92-1.º — Porto
Poço do Borratém, 33 s/1 — Lisboa



NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

QUESTÕES DE LUZ

Apesar de alguns benefícios introduzidos, a nossa cidade está muito longe de poder considerar-se bem iluminada. Bem sabemos que Roma e Pavia se não fizeram num dia e por tal não clamamos aos quatro ventos que tudo terá que ser resolvido de repente. Mas há pormenores que necessitam remédio urgente, conforme temos verificado por observação directa e também por chamadas de atenção que nos têm sido feitas por várias pessoas. Por isso vamos abordar dois deles, na esperança de que o Director dos Serviços Municipalizados os estude e lhes dê rápida solução.

Os acessos, de um e outro lado, da passagem subterrânea da rua 19, largamente utilizados de dia e de noite, durante o período em que uma boa visibilidade só pode conseguir-se com luz artificial não a têm. Num dos lados a iluminação é muito deficiente e do outro não há uma contra-iluminação a atenuar o encandeamento que provém da iluminação lateral das escadas.

Urgente, também, é a devida ilu-

minação do troço da rua 20 entre o cemitério e o Pavilhão da Académica. Aquela rua (que também precisa de ser pavimentada até ao seu termo norte) é utilizada por inúmeras pessoas que, embora vivendo fora das «fronteiras» de Espinho, fazem a sua vida na nossa cidade. Pois a iluminação naquele troço é totalmente inexistente, a oferecer inconvenientes e perigos da mais diversa ordem. O facto de a maioria dos transeuntes daquela artéria serem do Distrito do Porto não pode constituir óbice para que os Serviços Municipalizados cumpram a sua função de «servir», iluminando-a devidamente.

E, já agora, por falar em falta de luz, que peregrina razão ditará o critério de, quando há necessidade de proceder a qualquer interrupção de fornecimento de energia eléctrica, se mandar publicar avisos públicos nos jornais do Porto e se esquecer de o fazer no nosso jornal? Ou será que o nosso jornal não serve Espinho ou os nossos conceterrâneos só lêem os grandes matutinos?

MAIS UM AUTOMÓVEL FURTADO

No passado dia 12 foi encontrado nas vizinhas Caldas de S. Jorge o automóvel ligeiro Morris 1000 GB-87-99. O seu proprietário, António Soares Ramalho, motorista, residente na rua 14, n.º 1305, já tinha feito na Secção da P. S. P. local a queixa do furto, efectuado na noite de 10 para 11.

EX-REGENTES ESCOLARES

Uma vez que o Delegado Escolar não pôde fornecer quaisquer elementos à Câmara, consideramos útil trazer ao conhecimento dos leitores que a Obra Social do Ministério da Educação e Cultura está a proceder a um inquérito sócio-económico com vista a vir a conceder uma pensão a ex-regentes escolares que estejam em situação precária e não tenham podido beneficiar das disposições do Decreto-Lei 344/71, de 10 de Agosto. Deste modo as pessoas interessadas deverão dirigir-se à Câmara Municipal onde lhes serão dados os necessários esclarecimentos.

Passa-se

Casa de Pasto

«A FIDALGUINHA DA MATA»
Avenida S. João de Deus
ESPINHO

Aluga-se

ESTABELECIAMENTO PARA
COMERCIO NA RUA 24 N.º 1001
E 1011. TELEFONE N.º 921418

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL N.º 2/75

António Pinto Correia de Matos, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público que, em cumprimento da deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião ordinária de 4 do corrente e em face das disposições contidas no Decreto-Lei n.º 34 436, de 6 de Abril de 1945, e Decreto n.º 35.106, de 6 de Novembro de 1945, foi resolvido proceder à atribuição da moradia n.º 28, tipo menor, do Bairro Municipal de casas para famílias pobres, a título precário, mediante licença deste Município sob a forma de alvará.

Nesta conformidade, são convidados todos os interessados a requererem a ocupação da aludida habitação no prazo de 15 dias, a contar da data da afixação do presente edital nos locais do estilo, nas seguintes condições:

a) — No requerimento a entregar na Câmara pelos peticionantes deverá ser indicado o nome, estado, idade, profissão e salário relativamente a cada uma das pessoas que constituem o agregado familiar e bem assim o seu grau de parentesco com o chefe de família, além de outras circunstâncias justificativas da necessidade da habitação;

b) — Os requerentes deverão comprovar a situação económica nos termos do artigo 256.º do Código Administrativo, podendo, no entanto, exigir-se a apresentação de outros documentos para prova das declarações insertas nos respectivos requerimentos.

Após a recepção dos mencionados requerimentos, esta Câmara deliberará sobre a concessão daquela moradia, atendendo ao comportamento moral e civil dos pretendentes, seguindo-se as demais formalidades prescritas no Decreto n.º 35106, de 6 de Novembro de 1945.

E, para constar, se lavrou este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicado um no Jornal «Defesa de Espinho».

Espinho e Paços do Concelho, 6 de Janeiro de 1975.

O Presidente da Comissão Administrativa
Pinto de Matos

A SEGUNDA FAIXA DA RUA 24

Começou esta semana a obra de construção da segunda faixa da rua 24, adjudicada que foi a respectiva empreitada. Assim, ao fim de muitos anos, tão movimentada artéria da cidade vai merecer a beneficiação tão longamente sonhada e desejada. Esperemos que a obra decorra em ritmo conforme ao tempo em que vivemos, sem paragens nem hesitações, pois a sua conclusão trará grandes proveitos ao trânsito que percorre a rua 24.

UM PASSEIO NOVO

Gerações e gerações de crianças gozaram em grande ao molhar os pés e encharcar o calçado nas simpáticas poças que o inverno formava no passeio da rua 8 frente à conhecida Casa das Bandeiras, entre as ruas 25 e 27. No verão as mesmas crianças consolavam-se em «engraixar» de pó os sapatinhos ou os pés descalços, no mesmo local. Aquilo era um ex-libris de Espinho, como a passarelle, por exemplo. ERA, porque vai deixar de ser, segundo acabamos de verificar. A terra batida está a ser substituída por um passeio devidamente cimentado. Parabéns a quem tomou a iniciativa de executar a obra.

DO HOSPITAL

MOVIMENTO DE 7-1-75 a 14-1-75

Internamentos Gerais	46
Exames Radiográficos	187
Crianças Nascidas	15

Intervenções Cirúrgicas

Oftalmologia	3
Cirurgia Geral	10
Otorrino	10
Obstetria	1

Serviço de Urgência

Homens	197
Mulheres	174

Internados entre outros

Ana Silva S. Félix da Marinha, Oftalmologia;
Maria Antonieta Manta Freitas da Silva, dos Carvalhos, Obstetria;
Irene Assunção Teixeira, de Espinho, para Medicina.

Maria Emília Alfaiate

AGRADECIMENTO

Seu filho Dario Augusto Alfaiate e restante família, vêm reconhecidamente por este único meio agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que assistiram ao funeral da saudosa extinta ou de qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar e bem assim aquelas que se dignaram a assistir à Missa do 7.º Dia.

PRECISAM-SE

Rapazes para aprender a trabalhar com máquinas têxteis nesta cidade
Telefonar para 921454

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

5.º TURNO

Hoje, sábado — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 920331.
Amanhã domingo — FARMÁCIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250;
Segunda-feira, — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telef. 920092;
Terça-feira — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telef. 920092;
Quarta-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telef. 920352;
Quinta-feira — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telef. 920331;
Sexta-feira — FARMÁCIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telef. 920250.

CINEMAS

S. Pedro

Hoje, sábado, 18 — OS TRÊS FAMOSOS DE TRINITÁ, com Richard Harrison e Fanny Grey — 10 anos.

Amanhã, domingo, 19 — TEN- TAÇÕES DE UM VIÚVO, com Carlo Giuffré e Françoise Prevost — 18 anos.

Terça-feira, 21 — MULHER FELI- NA, com Jane Fonda e Lee Marvin — 10 anos.

Quinta-feira, 23 — ALELUIA E SARTANA REIS DO GATILHO, com Robert Widmark e Ron Ely — 14 anos.

Sexta-feira, 24 — A CARGA DA POLÍCIA MONTADA, com Alan Scott e Diana Eorys — 10 anos.

Casino

Hoje, sábado, 18 e amanhã, do- mingo, 19 — O MEU NOME É NIN- GUÉM, com Terrence Hill e Henry Fonda — 13 anos.

Segunda-feira, 20 — FÚRIA SELVAGEM, com Leonard Mann e Elisabeth Eversfield — 14 anos.

Quarta-feira, 22 — O DELICA- DINHO NA MARINHA, com Alfredo Landa e Margon Cottens — 10 anos.

Sexta-feira, 24 — A RAPARIGA INVENCÍVEL, com Mao Ying e Car- ter Wong — 18 anos.

NASCIMENTOS

EM ESPINHO:

Marcos Miguel, filho de Miguel Joa- quim de Jesus Cardoso e de Lucília Ma- ria Teixeira Vieira;
Rui Pedro, filho de José Pereira de Jesus e de Araci Pinto dos Santos;
Nuno Alberto, filho de Joaquim Al- berto Jesus Resende e de Maria Clara Neves de Lima Resende.

CASAMENTOS

Manuel Francisco Gomes Duarte com Maria Guilhermina de Almeida Si- mões, na Igreja de Anta;
Fernando Tomás Nunes de Sousa com Carolina de Jesus Araújo da Silva, na Igreja de Anta;
José Claudino Alves Salgueiro com Elvira Fernanda Rodrigues da Silva, na Igreja de Grijó.

ANIVERSÁRIO

Fez 2 meses no dia 17 de Janeiro o pequenino Nuno Fernando Vasconcelos Oliveira Branco filho de Fernando Perei- ra Branco e de Laurinda Vasconcelos Oli- veira Branco.

Menina

com o 5.º Ano Comercial
deseja emprego compatível

Carta à redacção ao n.º 71

ECOS DO NOSSO TEMPO

CRISTÃOS CONTRA CAIM

Uma emissão extremamente importante: «A Igreja Revolucionária na América Latina». Importante neste País e neste tempo. Não por vir falar-nos de revoluções. Mas por vir falar-nos de cristianismo. A nós, que vivemos num País que em voz tão alta tem reivindicado a sua condição de país cristão e que tão pouco o tem conseguido ser. Pois ser terra cristã não é ter alguns santos na História, muitas igrejas nas cidades, uma cruz nas velas dos barcos. É fazer do amor aos outros uma prática, e não uma palavra nos catecismos. É de ter fome e sede de justiça. É fazer de Jesus um companheiro, e não uma imagem para pôr nos altares. É, sempre que for preciso, barrar o caminho a Caim para defender o Abel que está em cada vítima.

Importante emissão esta em que, para começar, veio frei Bento Domingues para dizer meia dúzia de verdades fundamentais. Lembrar que a Igreja não é o punhado (infelizmente bem largo) de padres que, por razões que não têm nada a ver com o cristianismo profundo, andam por aí a semear a divisão entre homens que têm todas as razões para se manterem lado a lado. Dizer que «o que os cristãos não podem admitir é que, em nome da Fé, se ande, consciente ou inconscientemente» a manobrar como o reaccionarismo mais feroz deseja. Recordar que «Jesus Cristo não morreu de velho nem de desastre», isto é: que não recuou perante perigo nenhum em face do dever absoluto de hostilizar os poderosos e defender os fracos e por isso foi assassinado sob tortura.

Importante emissão, neste País onde se continua, em larga medida, mergulhado no farisaísmo mais feroz. No Funchal, há mulheres que se benzem quando na rua se cruzam com uma jovem militante de um partido antifascista. Mas não se benzem quando se cruzam com um ex-informador da PIDE. Não se benzem quando lêem nos jornais calúnias torpes e palavras negadoras do mais elementar cristianismo. Não se benzem diante das crianças já alcoolizadas, dos enxames de pedintes, da prostituição generalizada, que são a herança de um regime comandado por homens «devotos» e «piedosos», largamente abençoados por altos dignitários do clero. No Funchal, por exemplo. Mas bem se sabe que o País está cheio de Funchais que bem podem ser a vergonha dos portugueses em geral e dos portugueses cristãos em particular. E sabe-se mais: sabe-se que certos antifascistas não hesitam (ou, enfim, hesitam muito pouco) em utilizar o clero reaccionário em seu proveito e contra antigos companheiros de luta. Para ganharem as eleições, julgam eles. Para ajudarem o regresso do fascismo, digo eu.

Na emissão de ontem, ouvimos um padre brasileiro dizer qualquer coisa como isto: «Os padres evoluídos, mais tarde ou mais cedo, irão alinhar com os militares evoluídos». Padre brasileiro que nós bem precisávamos de que vivesse aqui, em Portugal, e multiplicado por mil. Pois se é certo que será extremamente difícil consolidar a democracia, neste País, contra a sabotagem desenvolvida pelo clero reaccionário, não é menos certo que é de todo impossível implantar aqui um Cristianismo autêntico enquanto se combate a democracia. Os padres que açulam os cristãos ignorantes contra o marxismo estão de facto a trair Jesus. Pior: estão a vendê-lo aos ricos, a alistá-lo nas milícias da repressão antidemocrática. Podem, ao fazê-lo, invocar o nome de Deus. Mas é bom que se saiba que estão a blasfemar.

E foi isto que se soube com a emissão de ontem: «A Igreja Revolucionária na América Latina». Na América Latina, onde vivem mais católicos que em todo o resto do Mundo, e este foi mais um dado precioso que ontem se divulgou e que é bom não esquecer: não é mais possível, de boa fé, identificar a Igreja Católica com uma toska faixa de terra alongada ao norte do Mediterrâneo, entre a Calábria, a Flandres e a Galiza. Na América Latina, onde o marxista não é o Diabo, mas um homem que luta para suprir o pecado hediondo da exploração do homem pelo homem. Neste País pejado de padres que vêm com horror o avanço da liberdade mas nunca tiveram horror perante a fome e a guerra, foi preciosa a emissão de ontem. Preciosa como contribuição para a democracia portuguesa. Mas também para a consolidação de um cristianismo que seja o aliado de todos os homens justos. Isto é: que seja verdadeiramente cristão.

CORREIA DA FONSECA
(na «República»)

O PRETEXTO DE LACERDA

Com considerável atraso, chega-nos às mãos um número de «O Mundo Português», semanário patrioteiro que se publicava no Brasil durante o fascismo salazarista-caetanista, e que actualmente ali se continua a publicar como ninho de ultrafascista.

O semanário patrioteiro de outrora é, agora, um semanário saudosista do melhor estilo do «agora», que Deus haja. Antipopular, antidemocrático e antinacional, portanto.

Pois nesse número (de 22 de Novembro) vem transcrito um artigo de Carlos Lacerda onde se fazem alguns comentários ao livro de Caetano. Comentários (uma no cravo, outra na ferradura) que são meros pretextos para atacar ferozmente, grosseiramente, o 25 de Abril, o Movimento das Forças Armadas, os partidos democráticos, o Governo Provisório e todo o processo revolucionário em curso. Lacerda ao ataque.

Citemos alguns períodos resultantes da fúria ultra do fascista Lacerda («grande amigo de Portugal», como lhe chamava o «Diário da Manhã» e seus derivados): «Passou-se da velha P. I. D. E. à nova Inquisição. O sr. Álvaro Cunhal, líder ostensivo do Partido Comunista e ministro sem pasta incumbido de pedir ajuda à Rússia, é louvado por banqueiros porque usa gravata, enquanto outros menos autênticos se apressam em despentear os cabelos para posar de revolucionários.»

«Amália Rodrigues vale sozinha por todo o Ministério da Revolução pois enquanto Amália leva Portugal onde, ninguém sabe quem é Mário Soares...» «A revolução começou com cravos vermelhos mas logo suprimiu os cravos. Só ficou a cor. Do jeito que vai, não é dos cravos que o vermelho vai viver. Será de sangue.» «Duvido que este artigo possa ser reproduzido em Portugal.»

Tudo deste jeito, explicado logo no primeiro parágrafo: «Quem acompanha os recentes acontecimentos em Portugal sente-se tentado até a deplorar a queda do Governo chefiado pelo sr. Marcelo Caetano.»

Deplora, deplora. O que o povo português, poderá fazer em face disto é retomar a velha piada coimbrã: «O Lacerda, vai à rimal!»

MANUEL AZEVEDO
(no «Diário de Lisboa»)

Cinema



SEMANA DO CINEMA HÚNGARO

De há alguns anos a esta parte a cinematografia húngara conhece um importante desenvolvimento que tem merecido de todo o mundo um aplauso unânime e os mais variados prémios em festivais e certames. Essa é, todavia, a consequência visível e lógica de uma organização planificada em profundidade e pensada com grande lucidez e entusiasmo.

Com uma cadência rigorosa e segura vão-se divulgando anualmente novos nomes de realizadores, argumentistas, operadores e técnicos diversos, à medida que novos filmes vão surgindo. Com uma grande seriedade da análise da realidade húngara e uma vasta multiplicidade de pontos de vista, com uma grande riqueza temática e uma coerência técnica impecável, o cinema húngaro vai-se impondo como «escola», ainda que não deixando de definir individualidades díspares, por vezes contraditórias, quase sempre «autores» importantes, de genuína voz popular e nacional. Não será de estranhar, que nomes como os de Miklós Jancsó, Ferenc Kósa, Zoltán Fábri, Zoltán Huszár, András Kovacs, Károly Makk, Istvan Gáál, Istvan Szabo, Pal Gabor, Peter Bascso, Pal Sandor, Gyorgy Revesz, Imre Gyongyossy, e tantos outros, sejam citados hoje em dia como referências obrigatórias num estudo da cinematografia contemporânea.

Um pequeno país com cerca de 93 mil quilómetros quadrados, e pouco mais de 11 milhões de habitantes, de raiz essencialmente agrícola, e com uma pesada herança histórica

(de opressão e revolta), consegue possuir uma estrutura cinematográfica totalmente nacionalizada, verdadeiramente vivificadora: mais de 3000 salas de exibição; uma distribuição anual que oscila entre os 120 e os 140 filmes importados (60 do Ocidente; 60 de Leste); uma produção nacional de 20 filmes anuais (entre os quais é sempre possível retirar 8 ou 10 filmes de qualidade assegurada); uma escola de Cinema; um estúdio experimental (*Béla Bálázs*); laboratórios e estúdios de produção; um estúdio de cinema de animação (*Pannonia*); uma Cinemateca de trabalho contínuo; um importante circuito de salas de «arte e ensino», uma rede de «Casas de Cultura» difundidas por todo o país; publicações especializadas, eis o esboço rápido de uma situação de significado indiscutível.

O cinema húngaro é, pois, uma realidade. Para o demonstrar aí vamos ter uma *Semana*, organizada por Filmes Exclusivo Triunfo, num cinema da nossa cidade.

Não percam esta oportunidade aqueles que gostam de Cinema.

Centro Fotográfico

Alvaro Nunes de Pinho
Tudo para Fotografia e Cinema
RETRATOS
RELOJOARIA
Rua 8 N.º 645 ESPINHO

Partidos Políticos em

(Continuação da página 1)

condições de igualdade aos serviços médicos e hospitalares, aos tratamentos e aos medicamentos, mantendo embora o princípio da livre escolha do médico pelo doente. Considerados como encargo da colectividade a conservação da saúde e o combate à doença serão cobertos pelo sistema de segurança social como um dos seus mais importantes domínios de aplicação.»

P. P. D.: «O P. P. D., reconhecendo o direito de acesso igualitário de todos os cidadãos aos meios que assegurem a promoção e conservação da saúde — na medida em que a realização deste verdadeiro direito à saúde além do bem-estar que esta proporciona, é condição indispensável de livre expansão da vocação pessoal e social do homem —, preconiza a adopção de uma política de saúde socialista logo que criadas as condições de igual tipo de resposta nas estruturas socio-económicas. (...) Como medida prioritária e de base impõe-se a criação de um serviço público que permita e fomenta a progressiva mas rápida socialização dos cuidados médicos em Portugal. Caberá ao Estado, efectivamente, garantir o acesso igualitário de todos à medicina preventiva, curativa e de reabilitação, através de um sistema integrado, que englobará desde já os serviços médicos da Previdência: o Serviço Nacional de Saúde.»

3.º EDUCAÇÃO

Com maior ou menor amplitude no tempo e no espaço todos os partidos reconhecem o direito de acesso, em condições

de total paridade, dos portugueses à educação. O problema merece mesmo cuidados especiais da maior parte dos partidos, dois dos quais, o MDP/CDE e o PCP, parece porem um acento tónico em determinadas garantias para os filhos dos trabalhadores.

Em resumo as diversas posições são as seguintes:

M. D. P./C. D. E. «Lançamento de um programa nacional de alfabetização integrado no desenvolvimento regional e na consciencialização nacional. Criação de um movimento pedagógico, com base científica e expressão popular, que apoie e leve à transformação democrática do ensino. Realização urgente de reformas ainda que parcelares de todos os níveis de ensino, subordinadas ao princípio da sua adaptação às exigências humanas, políticas e profissionais das tarefas de democratização da vida nacional: o ensino deve retirar do mundo do trabalho a sua maior razão de ser, procurando estabelecer íntimas relações entre a escola, o campo e a fábrica.»

P. C. P. «A democratização da instrução e da cultura constitui um dos objectivos centrais da revolução democrática e nacional. Para atingir este objectivo, são fundamentais as seguintes medidas (seguem-se as medidas, das quais destacamos):

«1 — Extinção do analfabetismo. 2 — Reforma geral do ensino, com a revisão da organização dos cursos, de programas e métodos, construção de edifícios, dotação de meios técnicos e habilitação do professorado, de harmonia com a exigência da ciência, da pedagogia e da preparação de quadros. Ensino oficial laico. 3 — Criação de uma educação pré-escolar ofi-

FIM DE SEMANA • 86

1.º

Todos os partidos políticos eram unânimes no protesto.

As Juntas de Freguesia estavam por sanear.

Aproximava-se o recenseamento e a interferência delas no seu processo seria fundamental.

(Digamos em comentário que, por força de lei eleitoral, embora tenham certa relação com a instalação do recenseamento e o seu processo, está muito longe de ser fundamental a sua acção nessa matéria).

As Juntas foram dissolvidas.

Urge nomear comissões administrativas.

Cabia aos partidos indicar os seus representantes para eles.

Aí começou a tragédia, com tricas e baldrocas entre eles para escolherem os representantes (pelo menos no Porto assim aconteceu).

Deixou logo de haver pressa em constituir as comissões administrativas.

Agora, que estavam dissolvidas, interessava acima de tudo nos partidos que os seus jogos prevalecessem.

Um mau exemplo de fazer política e, sobretudo, de respeitar as regras do jogo democrático.

2.º

«Pois olhe meu senhor, naquele quarto interior vivemos nós, que sou viúva, e três filhos, dois moços a rolar os 20 anos e uma rapariga de 18; como a retrete está sem porta, temos de fazer tudo num balde para ir lá despejar; quando um tem de ir ao balde, os outros têm de vir para o corredor. Para nos despirmos e vestirmos temos de apagar primeiro as luzes. Para a higiene? Olhe, tomamos banho ou lavamo-nos numa bacia de zinco, e quando os rapazes se lavam, saem as mulheres, quando se lavam as mulheres, saem os rapazes. E pagamos 800\$00 por mês. Para lhe falar verdade, não me atrevo a sair e deixar os três filhos sozinhos. Sabe, eles são muito respeitadores, muito amigos da irmã, muito bons rapazes, etc., etc., mas são mocidade e verdura, e pode haver desgraça; por muito cuidado que se tenha, sempre se vêm partes do corpo, sabe como é, mocidade — sangue na guelra, e o demónio leva a tentações...»

Note-se que ela era uma mulher de aparência de cinquenta anos, e apesar de

tudo, fresca e lavada; bem merecia ter uma habitação.

3.º

«Foram dois anos de Guiné. Como mecânico de automóveis, estava quase sempre no acampamento na reparação das viaturas, que naquelas terras era uma dor de consciência o estado em que ficavam, depois havia raros mecânicos capazes, eram sobretudo habilidosos, e as viaturas ficavam cada vez pior, iam para a sucata depressa; os raros habilitados, quando apareciam, como eu, não tinham tempo de comer nem de dormir. Para mais, às vezes, tínhamos mesmo de ir para o mato com o pelotão. Foi disso que fiquei mesmo como sou. Sei que sou calado, que tenho ar antipático, que sou reservado; e não era nada disto, antes de ir era o contrário. Andei em tratamento no Magalhães Lemos, melhorei, mas não posso ter nada que me enerve; por isso lhe peço que me trate de tudo com o senhorio; bem sei que o podia fazer directamente, mas enervo-me logo e um dia podia ser uma desgraça. O clima, o sobressalto constante, a prevenção permanente contra um ataque súbito, sono sempre inquieto. Mas não, não foi só disso que fiquei assim. Não, também não foi do ferimento. Fiquei assim, com remédios já não vai lá, talvez melhore com o tempo, com o esquecimento, embora julgue que não poderei esquecer. Eu conto, custa-me falar nisso, mas o senhor deve saber. Um dia o pelotão foi para o mato e tive de ir. O carro caiu sobre uma mina, foi aí que fiquei ferido na mão e perdi a mobilidade dos dois dedos. Mas isso foi o menos. Morreram-me ali ao lado quatro camaradas e o que estava ao pé de mim, com o ventre rasgado, os intestinos a saírem-lhe do buraco e o sangue ao golfar aos borbotoes, ia morrendo e só me dizia — «Ai minha mãezinha, que nunca mais a vejo». Foi esta cena que deu cabo de mim. Não aguento. Quando a vejo diante de mim, perco-me. Se estou a comer, não engulo mais nada. Se estou na cama, tenho de ir passear pela casa. Perco-me. E isto não se esquece.»

Nesta altura, o automóvel que ele conduzia, em pleno centro da cidade, perdeu momentaneamente a direcção; fracção de segundos, mas foi; buzinas assustadas de outros carros fizeram-no voltar a si rapidamente e retomar a marcha normal. Tratei de falar-lhe do futebol para o próximo domingo.

VASCO LUIS

ção fundamental

cial. Aumento do período de escolaridade obrigatória e gratuita. Acesso efectivo para os filhos dos trabalhadores aos outros graus do ensino. Redução das propinas, concessão de isenções e bolsas de estudo em larga escala. Estabelecimento de uma rede de habitações, cantinas e outros serviços para uso dos estudantes.»

P. S. P.: «Reorganizar profundamente o ensino, a todos os níveis, as instituições de investigação e de cultura e promover uma política de autêntica educação popular, e de formação profissional permanente. Importa dar ao homem os meios de prosseguir indefinidamente a sua formação moral e cultural, ao trabalhador as condições de desenvolver o seu aperfeiçoamento técnico-profissional e ao cidadão a capacidade de intervir de maneira consciente e directa na gestão da vida pública. O P.S., em matéria educacional, inspira-se na «Declaração Universal dos Direitos do Homem», que prescreve no seu artigo vigésimo sexto, número um: «Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos no que respeita ao ensino elementar e fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino teórico e profissional deve ser generalizado. O acesso aos estudos superiores deve ser aberto a todos, em plena igualdade, e em função do seu mérito.»

«Para o P. S. a escola terá de estar ao serviço do Povo e será laica gratuita e autogerida (...) e estabelece como prioridade das prioridades, em matéria de educação nacional, a liquidação radical do analfabetismo.»

P. P. D.: «Uma política educacional e cultural baseada na igualdade de oportu-

nidades, na liberdade e na solidariedade (...) A simples igualdade de acesso não resulta necessariamente em igualdade de formação e de oportunidades. Mas a correcção definitiva das disparidades exigirá ainda longos anos e não resulta de meras promessas demagógicas (...) o P. P. D. propõe a criação do ensino pré-primário oficial e de escolas oficiais de educadores de infância. Propõe por outro lado a existência de um período escolar básico comum, que dará acesso ao ensino secundário, também ele dotado de estrutura única e com carácter polivalente, que permita simultaneamente uma iniciação profissional e uma preparação para os estudos superiores. (...) Dentro deste espírito importa que aos alunos seja assegurada a liberdade de escolha da profissão. (...) O processo de socialização deve iniciar-se nas escolas, mas entende-se que a coesão social é inseparável da autonomia individual; em termos do sistema educativo isto deverá traduzir-se num ensino centrado sobre as capacidades de cada aluno e na liberdade deste para escolha das vias que melhor correspondam aos seus desejos e motivações.»

(Do «Século Ilustrado»)

Almoce ou jante no Restaurante da Piscina

Aberto todo o Inverno — Preços especiais para Banquetes até 300 pessoas — Serviço permanentes até às 24 horas — Telef. 920153

ECOS DO NOSSO TEMPO

ABAIXO O MEDO!

O Medo governou o nosso país durante meio século. O regime de opressão banido com dois safanões em 25 de Abril, deve-lhe o gozo de ter durado tanto tempo injusto.

Com maquiavelismo primário, os políticos, dominantes após o 28 de Maio, limitaram-se a aplicá-lo, dividindo-o por duas frentes, para nos cercarem e vencerem: o medo do passado e o medo do futuro. Aos tristes dos portugueses apertados entre a angústia dessas duas talas só restava o recurso do presente de então. E esse convenientemente manipulado pela Censura e pela Polícia para aparentar a existência do Paraíso no Mundo.

O medo do passado resumia-se nesta palavra: Ordem, Ordem nos espíritos e nas ruas. Sobretudo nas ruas desarrumadas por governos que consentiam nas greves (quando os operários bem pagos gastavam tudo em vinho!), viravam as casas do avesso, ofendiam o pudor das mulheres e a honra dos capitalistas completamente à solta. O breve período republicano em que surgiram Gago Coutinho e Sacadura Cabral, a que a nossa pátria ficou justamente a dever o único feito, ao mesmo tempo aventureiro e científico, da nossa história do século XX, consideravam-no um poço de víboras e de traição.

E não contentes com o passado descrito como uma paisagem de alcateias de terror, ainda por cima nos profetizavam um futuro muito pior, dominado por feras desconhecidas que sairiam num dia tenebroso das sarjetas e dos esgotos para estrangular as freiras, dar injeções de cianeto nas nuças dos proprietários, tirar as terras aos camponeses pobres, permitir as greves para depois as proibirem, impedir a entrada do povo nos estádios porque o que *nós todos queremos é futebol!* (li essa frase, claramente lida, num prospecto espalhado no dia de Camões, em 10 de Junho, quando se inaugurou o Estádio Nacional).

Entre os dois medos, o do passado e o do futuro, só havia uma solução: aceitar a dádiva providencial do presente com sabor a anjos de rémiges cortadas para não fugirem da Terra. Graças à Censura, tão ansiosa de vida doce, ninguém se suicidava (só havia mortes súbitas) os crimes rareavam, tudo que prejudicava o apetite dos ricos desaparecia do noticiário (quem ousava fazer greve?) o Mundo era uma delícia de violinos, levemente desafinados, mas violinos.

Escondia-se tudo o que era feio. Quando uma rainha veio um dia a Lisboa, prenderam-se os mendigos e mandaram-nos para a Mitra, como em certas casas empurram o lixo à pressa para debaixo dos móveis, para as visitas não perceberem o chavascal em que os donos vivem normalmente. Claro que existiam alguns desordeiros que lutavam com uma coragem e uma teimosia só digna de cérebros brancos. E, por seu lado, os intelectuais assinavam papéis de protesto.

Mas o Medo acabava por meter tudo na Ordem, na indispensável Ordem do musgo e do bafio. Os mais recalcitrantes iam acalmar para o Aljube. Os tolinhos, quase sempre poetas ingénuos que, por espírito de contradição, descreviam o futuro como um céu na Terra alegrada pelo rosto feliz do Sol, esses deixavam-nos às vezes em paz por inofensivos.

Outros, como o José Régio, quando se afoitou a dizer na televisão que não acreditava no Inferno logo um jornal de província lhe caiu em cima, Senhores! Um poeta queria suprimir o Inferno! Era lá possível governar os pobres sem o Inferno, sem a polícia metafísica com que os homens insultavam o mistério com as suas armas de infâmia.

O Medo, minhas senhoras e meus senhores, era inevitável lei que impunha a Ordem.

E agora, depois do 25 de Abril? O Medo também será necessário? Não chegámos finalmente ao instante preciso de atirar essa miséria para o caixote do lixo da história — agora que não desejamos enganar ninguém, nem a nós próprios?

O passado... Bem. Devemos impedir que volte, mas sem excessos de receios mórbidos nem esgrima de espadas de treva. Quanto ao presente, que remédio senão habituarmo-nos à verdade. À existência de suicídios, assaltos, crimes, bairros de lata, filmes obscenos sem recorrer à censura para atapetar o Mundo de mentiras e flores falsas.

E no que se refere ao Medo do futuro (que ainda não se sabe bem como será) acho francamente de mau gosto imaginá-lo em forma de pesadelo. Peço-vos que não me obriguem a repetir a velha imagem já tão bolorada de nos compararmos aos nossos antepassados que das praias de Portugal olhavam espavoridos para os futuros salgados do mar misterioso em frente, povoado de monstros e dragões com garras de incêndio... Quando, afinal lá longe, depois de ondas e perigos, também existiam ilhas cheias não de flores carnívoras, mas voadoras e doces...

Abaixo os Medos que ainda arrastamos por herança no chão das sombras antigas! E, por favor, não inventemos novos.

JOSÉ GOMES FERREIRA

(no «Diário de Notícias»)


Restaurante do Hotel MAR AZUL

ABRIU AO PÚBLICO

Serviço à lista, Almoços e Jantares

Avenida Oito ■ ESPINHO ■ Telefone, 920824

RESIDÊNCIA
1.ª CLASSE
* * * * *



GIRASSOL

RUA SA DA BANDEIRA, 132
TEL. 21891/2/3 — PORTO-PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE
TELEFONE 27393
MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469
Telef. 920325-977

Importador Electrodomésticos EDESA
BOSCH — KREFFT — ARISTON
RÁDIO E T.V.: BLAUPUNKT — LOEWE-OPTA
INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS CANALIZAÇÕES
CARTUCHOS COM MÚSICA 80\$00 CASSETES COM MÚSICA 60\$00
TÉCNICOS ELECTRÓNICA E ELECTRODOMÉSTICOS
MÓVEIS ● ALCATIFAS
PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTÊNCIA

Vende-se

Prédio no centro de Espinho
Informa o Sr. Joaquim Marçal
Rua 62 n.º 236 — Telef. 920692

Casa Vende-se

Muito central, c/ rés-do-chão vago
Informa da parte de manhã:
Rua 15 n.º 452 — Telefone, 920737
ESPINHO

Vende-se

TALHÃO TERRENO
Zona Industrial
Estrada do Golfe ESPINHO
Falar ao Telefone 921422

Vende-se

Mobiliá de Sala de Jantar em
muito bom estado. Pode ser vista
todos os dias na
Rua 25 n.º 468 — ESPINHO

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES
COMPRA · VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032
PORTO



MEDIADOR AUTORIZADO

CASA LUCIANA *Boutique*

Rua 19 n.º 318 — ESPINHO
Representante em ESPINHO dos Brinquedos «SÓBRINCA»
e dos artigos de viagem «TAURO»
Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,
Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

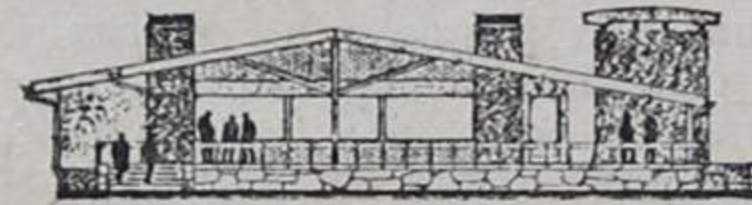
PINTURARTE

Tecnicamente especializado em todo o
género de Pintura Artística, Móveis de
Adorno e todo o género de objectos
de decoração.

Armando Alves Ribeiro

Desenhador — Pintor de Arte

Rua 18, n.º 943 — ESPINHO — Telefone, 921412



Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA

TEL.

9 9
2 2
1 1
3 9
2 6
2 6

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO espe-
cial para Baptizados, Casamentos e
Confraternizações.

Na Discoteca
Aos domingos — *Matinée*

Encerrado à terça-feira para descanso
do pessoal

C O R F I

Duas Organizações
o mesmo Prestígio!

C O T E S I



E o cinema português, como vai?

Nesta morna e vil tristeza que tem sido o cinema português, 1974 podia ter sido o grande ano. Podia ter sido mas não foi. Se os cineastas saíram do Monte Carlo no 26 de Abril para ir tomar o IPC e a Censura, para lá voltaram rapidamente. A Associação de críticos está encravada, os filmes sobre o 25 de Abril e o 1.º de Maio nunca mais saem, a Lei de Cinema idem. Quer dizer, cá vamos (vão) cantando e rindo, com as (poucas) excepções a confirmar a regra.

Entretanto alguns filmes se estrearam neste ano. Abriu (frio, frio) com *A Promessa* de António de Macedo, a estratégia europeia do cinema fascista. Pena foi ver pessoas como João Mota metidas naquilo.

Logo a seguir Cunha Telles trouxe *Meus amigos*, uma curiosa experiência de quem viu Rivette e Eustache mas aprendeu mal a lição. Completamente falhado, três horas de pura chateza, ser ser abjecto. Errar é humano, principalmente para quem se mete a fazer experiências sobre a *durée* e a transparência do cinema, um campo pouco explorado e que tem buracos imensos num dos quais Cunha Telles se afundou completamente.

Artur Semedo, um veterano, faz uma comédia, *Maltezes burgueses e às vezes*, onde o cinema comercial dá as mãos a uma certa ironia. Certa inépcia e algum mau-gosto não chegaram no entanto para destruir este filme simpático.

la já o ano num terço do seu caminho quando aparece a primeira obra a merecer atenção. Média-metragem de Manuel Costa e Silva (um dos melhores directores de fotografia do cinema português). *Festa trabalho e pão em Grijó de Parada* é um mergulho no quotidiano de um país-outro que ainda somos. Mergulho a 24 imagens por segundo, não panfletário ou de análise fria, mergulho cinematográfico cem por cento, construído a partir de uma aproximação honesta e incisiva de uma realidade que não violenta, antes sublinha. Evitar cair num paternalismo pateta ou num folclorismo macediano é uma tarefa de monta. Costa e Silva a levá-la por diante, honra lhe seja.

Jaime de António Reis, outra média-metragem, é a viragem. Está já no lado

de lá do cinema, isto é, na maturidade e no domínio dos códigos que nada fazia prever. César Monteiro escreveu no *Cinéfilo* que este é um filme — marco na evolução estética do Cinema, aqui ou noutra ponta do globo. Apresentado em Lisboa como complemento do *Couraçado Potemkine* de Eisenstein, *Jaime* passou despercebido à crítica dominante e ao público (dominante ou dominado); ou um filme — pérola a procurar e a ver atentamente.

A euforia da abolição da Censura dá o seu primeiro fruto: *O Mal Amado* de Fernando Matos Silva. Filme já abordado nestas páginas é uma boa amostra de cinema interveniente embora sem grandes rasgos. Modestamente honesto, um filme que no fascismo seria uma bomba mas hoje está despoletado. Daqui não se deve inferir o seu menor interesse, embora seja uma obra irremediavelmente datada.

O ano de 1974 terminou no top em matéria de cinema português. Com *Sofia e a Educação Sexual*. Eduardo Geada empurra o cinema português para as paragens da contestação global do sistema nos seus aspectos ideológicos, logo políticos, nos seus aspectos reflexos: o cinema a pensar-se assim mesmo e à sua função. Noutra altura aqui se abordará esta obra mais detalhadamente. Para já se chama a atenção para este filme, um dos mais importantes já mais rodados entre nós.

No fim do balanço deste ano resta dizer que já está em exibição em Lisboa *Cartas na Mesa* de Rogério Ceitel aguardado com expectativa. Resta também exigir que obras como *Nojo aos Cães*, *Grande Grande era a Cidade* ou *Sapatos de Defunto* que a censura do fascismo impediu que chegassem até nós, sejam apresentadas ao público. E aguardar com esperança que os filmes que Seixas Santos, Eduardo Geada, Manuel Guimarães ou Manuel de Oliveira rodam no momento rompam enfim o nevoeiro que tem sido o novo cinema português, aqui ou ali em vias de dissipação, mas apesar de tudo demasiado cerrado para o que dele esperamos.

JORGE LEITÃO RAMOS

NOTA DE ABERTURA

Dinamização e cultura

Desde o final de Outubro que os jornais, a televisão e a rádio têm feito uma cobertura, por vezes bastante pormenorizada, sobre o Programa de Dinamização Cultural e de Esclarecimento Cívico, realizado desde então pelas Forças Armadas. A divulgação imediata que aquele noticiamento permanente ocasiona leva ao conhecimento do país inteiro as realizações que vão acontecendo; mas o facto mesmo dessa divulgação pode acabar por se tornar uma vulgarização niveladora desta importante campanha nacional pelo comum das notícias que diariamente preenchem as páginas dos jornais.

Seria pena que assim acontecesse pois que, conscientes do vazio cultural que o país herdou do regime anterior ao 25 de Abril, as Forças Armadas pretendem precisamente criar em todo o país uma rede de iniciativas, de grupos dinâmicos, de associações conscientes e competentes que levem por diante uma acção cultural do mais vasto alcance, isto é, de dimensão nacional. Visto deste ângulo o Programa de Dinamização Cultural significa não apenas a resposta inadiável àquela triste herança de vazio mas vai muito mais longe: constitui nas suas múltiplas e numerosas realizações (mais de trezentas sessões nos dois primeiros meses de actividade) um verdadeiro desafio à inércia e preguiça locais habilmente exploradas pelo regime deposto pelo 25 de Abril, para destruir, empobrecendo-a, a consciência cívica e política dos Portugueses.

A esse desafio só se pode responder de uma única maneira: unindo energias para que efectivamente apareçam e se desenvolvam localmente todas aquelas iniciativas eventuais ou permanentes, que tornem possível uma acção continuada, única forma de levar avante uma efectiva política cultural. Aliás, a multiplicação dessas iniciativas locais tornará possível ainda, que se não repitam formas de colonização do país feitas a partir dos grandes centros (defeito maior das poucas iniciativas que neste campo se praticaram até ao 25 de Abril). De facto, o povo contém em si enorme riqueza de valores, uma vocação criativa que precisa apenas de estruturas adequadas para se manifestar e afirmar.

A liberdade está a passar por aqui, diz o poeta-cantor. Importa tomar consciência de que com a liberdade há muitas mais coisas de muito valor que estão também a passar por este país. Não as deixemos passar em vão para que se construa o país diferente que todos queremos.

JOSÉ VIEIRA MARQUES

ALGUMAS NOTAS A PROPÓSITO DE "O COURAÇADO POTEMKINE"

Creio que a *Arte para Eisenstein* não procede com base na intuição criadora mas, como ele o afirma, a partir duma construção racional dos elementos emotivos. Cada emoção é estudada cientificamente e apresentada ao espectador com base em minuciosos cálculos de temporização, intensidade, percentagens, qualidade imagética e atracções de imagens.

A história passa então a ser o pequeno fio em que se penduram as imagens laboratorialmente analisadas.

Fazer cinema de classe é pois escolher os estímulos e atracções eficazes para a determinação ideológica dessa classe. É avaliar rigorosamente da sua receptividade, capacidade de choque e específica utilidade social. É a orientação dos estímulos imagéticos para o efeito emotivo planeado.

Há atracções comuns e eternas que por no específicos da classe visada apenas servirão de suporte útil às atracções seleccionadas. A utilização inútil destas ou doutras atracções e estímulos neutros é por natureza reaccionária e leva à arte pela arte.

Pretencioso seria tentar esgotar todas as possibilidades desta via de leitura do *Couraçado*. A história do cinema conhece poucas obras que ficassem a dever tanto à coesão dos materiais expressivos ou ao sentido de exactidão da força da imagem.

Nesta abordagem o *Couraçado Potemkine* é a sedução da imagem metrificada, do artístico calculado, da matematização da intenção ideológica.

Esquemáticamente o filme promove a estímulos de classe a luta do forte contra o indefeso (estímulo de sobrevivência social) e a necessidade de subsistência pela alimentação (estímulo de sobrevivência física).

O forte é o opressor projectado monstruoso pois na sua minoria armada aterroriza e subjuga a maioria. O choque condiciona o instinto pois na natureza prevalece a lei da maioria quando a condição dos elementos é idêntica. Quando a obediência é tão arriscada como a desobediência a luta contra o abuso das minorias opressoras surge natural.

A sequência da revolta dos marinheiros perante o Estado Maior liga-se por atracção imediata à do esmagamento popular na escada de Odessa onde subjaz o apelo estimulante da revolta a par do choque da morte. A impotência do oprimido e a brutalidade repressiva são arremessadas ao espectador numa percentagem emocional acrescida quando a morte da mãe precipita a descida singularmente arrepiante do carrinho desgobernado do bebé (a vida) frente aos fusis (a morte).

Quando o Estado Maior rancheia a alimentação putrefacta ou encena o massacre exemplar a revolta é o prolongamento do instituto de subsistência-sobrevivência. As larvas na carne contaminada são o contraponto atractivo presente na sequência da entrega dos animais saudáveis (vivos)

(Continua na pág. 7)



CINEMA POLÍTICO. Embora até 25 de Abril a Censura de Estado (e a Auto-Censura dos distribuidores de filmes, criada por aquela) tenha impedido completamente a entrada em Portugal do chamado *filme político*, ele existe em número crescente a produção cinematográfica internacional. A nossa gravura é uma imagem de *L'heure de la libération a sonnée* (Sooou a hora da libertação) média metragem libanesa de uma jovem realizadora, Heiny Srour. O tema do filme é a análise minuciosa da luta do povo de Oman, no Golfo Pérsico, por se libertar das garras do capitalismo selvagem que, a partir da descoberta do petróleo, se instalou no seu país.

SEMANÁRIO
AVENÇADO

Comissão de Turismo

ESPINHO